



Universidade de Brasília  
Faculdade de Comunicação  
Departamento de Audiovisual e Publicidade

## **Projeto de Produção do Videoclipe “Humanidade”**

Aluno: Guilherme do Carmo Feijó Oliveira  
Professora Orientadora: Denise Moraes Cavalcante

Brasília – DF  
2º/2011

## Sumário

1. Resumo .....	3
2. Introdução .....	3
3. Problema de pesquisa .....	5
4. Justificativa .....	6
5. Objetivos .....	7
5.1. Objetivo Geral .....	7
5.2. Objetivos Específicos: .....	7
6. Referencial teórico .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
6.1. Breve História do Videoclipe .....	7
6.2. Linguagem do Videoclipe .....	10
6.3. O videoclipe e a internet .....	12
7. Metodologia .....	13
7.1. Roteiro .....	13
7.2. Música .....	14
7.3. Equipe e atores .....	15
7.4. Referencial teórico .....	15
7.5. Projeto de Produção .....	16
8. Conclusões .....	16
9. Agradecimento .....	19
10. Referências .....	19

## **1. Resumo**

O projeto é a realização de um videoclipe musical narrativo do Coral Oásis interpretando a música Humanidade, com o desenvolvimento do projeto de produção da obra. Visando destacar a importância do videoclipe no meio audiovisual, apesar dos poucos estudos a ele voltados, o referencial teórico discorre sobre sua história e linguagem.

Palavras-chave: videoclipe; produção, linguagem, história.

## **2. Introdução**

Humanidade é um videoclipe musical narrativo que questiona o estilo de vida do homem na atualidade através do cotidiano de três personagens: o músico John, o arquiteto Vitor e o artista de rua Felipe. A música que leva o título da obra é de autoria do cantor Maurílio Santos. A interpretação é feita pelo Coral Oásis, formado por estudantes da Universidade de Brasília (UnB). O arranjo e a regência ficaram sob os cuidados do também diretor, produtor e roteirista do videoclipe, Guilherme Feijó.

Algumas pessoas projetam seus sonhos e expectativas em sua carreira profissional. Estão constantemente insatisfeitas com os resultados gerados, por melhor que sejam, e parecem estar sempre atrasadas, infelizes e decepcionadas com a falta de tempo para realizar tantas tarefas. Outras pessoas ignoram tudo o que existe ao redor, procurando apenas seus interesses particulares. Não se importam com a necessidade do outro e colocam o próprio bem estar sempre em primeiro lugar. Atravessam a estrada da vida sem desejar nada além do que a própria caminhada, indiferente e pacata. Há, porém, aqueles que encontram razão para sua existência nos valores mais simples e puros do cotidiano. Por meio de gestos de afeto e coragem, esforçam-se para fazer da sociedade em que vivem um ambiente favorável a todos. Os problemas e dificuldades pessoais não impedem que ofereçam ajuda àqueles que precisam e nem limita a alegria de viver. Mesmo tão diferentes, estes três estilos sociais se cruzam pelas ruas, influenciando um ao outro e gerando mudanças.

Ao tratar dessa realidade social, o videoclipe demonstra como John, o músico, segue sua vida sem se importar com as pessoas ao redor. Focado em seu mundo, ignora tudo o que acontece ao redor. Vitor, o arquiteto, por sua vez, corre atrás do tempo em busca de realização profissional. Nessa trajetória, acredita encontrar a razão do seu existir. Felipe, artista de rua, mesmo com tantos desafios e contratempos, encontra na sua rotina a motivação necessária

para se alegrar. As pequenas conquistas do dia a dia, o sincero sorriso de uma criança e as amizades que encontra fazem com que permaneça lutando. Em meio a tantos acontecimentos, oferece aos demais a oportunidade de conhecer um estilo de vida diferente. Aceitar ou recusar o seu segredo é uma tarefa que cabe aos demais e a liberdade de escolha permanece ao alcance de todos.

Sendo o videoclipe um produto multifacetado, fruto do cruzamento de outras linguagens audiovisuais, a realização permite abordar conhecimentos variados. O primeiro dele está ligado a canção gravada. Muito lembrada enquanto trilha sonora no cinema, não se pode esquecer que a gravação do som, independente do objeto pretendido, também está imersa no mundo audiovisual. As dificuldades técnicas para esse tipo de captação, seja em um estúdio adequado ou em locações diversas, são muito reconhecidas e até temidas por alguns profissionais. Nem por isso, aqueles que se dedicam a essa realização recebem o respeito devido por seu trabalho. De qualquer forma, a gravação musical, em especial, de um coral com mais de vinte vozes, possibilita um grande aprendizado na técnica do áudio.

Enquanto criação, o desenvolvimento de um roteiro para um videoclipe é inspirador, pois, como será explicado no referencial teórico, pode ser mais livre e diversificado. A quantidade de opções reforça o desafio de gerar um produto inovador e consistente. As filmagens do videoclipe, assim como as de um curta-metragem, exigem dedicação e cuidado em todas as fases da produção. Ao mesmo tempo em que incorpora os elementos visuais da fotografia, as gravações aproximam os personagens do público.

Na busca pelo reconhecimento do gênero enquanto transformador do cenário audiovisual do seu tempo, o conhecimento teórico de sua linguagem e história são fundamentais. Linguagem porque fundamenta suas tendências e especificidades, indicando as características próprias do clipe que influenciam outras formas de expressão. História porque demonstra como seu espaço e respeito foram conquistados ao longo do tempo, por meio de trabalhos conceituados e resultados de audiência surpreendentes, surgindo como referência no cenário atual.

O projeto de produção, finalmente, expressa o processo de construção da obra. Ali estão expressos as riquezas e desafios que permearam todo o trabalho de criação e filmagem do produto, desde o roteiro até as planilhas de produção.

### **3. Problema de pesquisa**

Hoje o videoclipe está bem consolidado enquanto produto midiático, mesmo ficando a margem dos estudos de comunicação. Sendo uma linguagem recente, é preciso descobrir as características que permitiram ser apontado como um gênero novo, de onde vieram historicamente essas tendências e como se deu seu nascimento. Mais que isso, o seu desenvolvimento ao longo dos anos pode indicar para outros fatores que contribuíram para a consolidação do seu formato.

Para que o produto venha a ser realizado, algumas etapas e desafios precisam ser vencidos. A forma com que a organização e o planejamento contribuem para o sucesso final demonstra que a etapa de produção precisa ser cautelosa e inteligente. Como organizar as filmagens e gravações de modo a otimizar os resultados obtidos é um ponto importante. É preciso descobrir como aproveitar o máximo dos atores e da equipe técnica, utilizando o tempo de forma proveitosa. Até que ponto a quantidade de cenas e de locações determina o plano de filmagem?

A mensagem que será transmitida pode estar bem definida, mas a maneira como será repassada influenciará de forma decisiva na recepção do público. Assim, surge a intensa busca pelas estratégias corretas, pelos elementos e ações da narrativa que contribuirão para o melhor entendimento e recepção do conteúdo proposto. Em todo momento deve-se refletir sobre as partes do roteiro que estão sobrando e podem ser retiradas, ao mesmo tempo em que se procura discernir sobre as lacunas não preenchidas no enredo para o perfeito entendimento da história.

Com o roteiro fechado, o desafio sai do campo das ideias. Todas as dúvidas que se seguem estão voltadas para a melhor forma de realizar o produto, selecionar a equipe certa, o perfil dos atores, as locações adequadas além dos equipamentos, recursos, etc. Cada passo pede uma estratégia, uma decisão determinante para o resultado final. Como planejar os dias de gravação de forma a aproveitar o tempo e o rendimento de todos? Nesse processo pode ser necessário priorizar um aspecto em detrimento do outro. Qual deles é mais relevante naquele momento é a resposta que precisa ser encontrada.

No estúdio musical as escolhas podem ser mais comuns do que parece. A captação de um violão, por exemplo, pode ser feita de diversas formas. Quando se trata de coral, as opções são ainda mais variadas e o resultado pode ser surpreendentemente diferente. Além disso, a canção precisa ser pensada de forma a colaborar com o ritmo final do videoclipe. Não

somente a dinâmica musical, mas também a quantidade de repetições e variações serão definitivas para o que será apresentado no final de todo o processo.

#### **4. Justificativa**

Já se foi o tempo em que o videoclipe era apenas um complemento para a divulgação publicitária de uma música ou disco. Atualmente o vídeo tornou-se um fim em si mesmo. Humanidade reflete bem como este tipo de produto pode agregar várias áreas e não fica vazio por estar livre de ligações e produtos externos.

O clipe demonstra como profissionais da área podem transmitir uma mensagem completa e bem produzida através de um videoclipe. Fica comprovado o caráter versátil e mediador do gênero, com linguagem rica em alternativas para o desenvolvimento de um bom vídeo.

Pode-se observar, por meio do orçamento, a quantidade de pessoas envolvidas para a realização de um videoclipe completo. Como se assemelha a produção de um curta-metragem, por possuir uma narrativa completa e cheia de elementos, é uma boa fonte de consulta para quem deseja realizar um vídeo com baixo orçamento e equipe reduzida.

O estudo teórico resume de forma sucinta e objetiva a importância do videoclipe enquanto linguagem audiovisual. É um excelente ponto de referência para quem deseja iniciar ou desenvolver linhas de pesquisa sobre o assunto. Os temas podem ser retirados do resumo histórico, da definição da linguagem ou mesmo da relação entre videoclipe e *internet*, e como tudo isso afeta a sociedade geral e seus meios de comunicação.

Este trabalho contribui para a ampla divulgação do videoclipe nos meios de comunicação, sendo prevista a atração de uma nova parcela de audiência. No meio acadêmico, localiza o gênero enquanto objeto de pesquisa, questionando sua marginalidade ao longo destes anos e propondo um novo olhar em sua estrutura e forma. O conjunto dessas ações contribuirá para que o videoclipe receba atenção de vários âmbitos da sociedade, colaborando para que as obras dessa linguagem recebam maior respeito em exposições, palestras e aulas. Da universidade aos livros, é necessário um intenso trabalho de desconstrução de preconceitos para o videoclipe seja considerado e difundido enquanto linguagem audiovisual. Humanidade cumpre com a sua parcela de ajuda nessa mobilização que dá seus primeiros passos no Brasil.

## **5. Objetivos**

5.1. Objetivo Geral: provocar nos espectadores uma visão autocrítica de sua rotina diária e da influência que os hábitos pessoais exercem na sociedade. Ao mesmo tempo, propor uma postura reflexiva diante da vida, sugerindo que o conhecimento prévio antecipe a decisão de aceitar ou rejeitar determinado conteúdo.

5.2. Objetivos Específicos:

- Questionar a marginalidade do gênero cinematográfico dos videoclipes no meio acadêmico;
- Realizar uma produção audiovisual de qualidade;
- Divulgar o trabalho musical do Coral Oásis; e
- Exibir o conteúdo produzido em festivais e amostras audiovisuais.

## **6. Pesquisa histórica e de linguagem**

6.1. Breve História do Videoclipe

O cinema nunca foi mudo. Desde sua origem as imagens que era projetadas na tela recebiam o acompanhamento musical em tempo real. Segundo Laura Corrêa (2007), entre 1911 e 1913 já “há um consenso de que a música é o acompanhamento ideal para as imagens”. Na década de 20, grandes produtoras já possuíam equipamento para sincronizar o som com a imagem e no ano de 1927 estreou o primeiro filme “cantado” do cinema, “O Cantor de Jazz” com Al Jolson.

Na década de 30 números musicais começaram a ser transmitidos na televisão e na década de 40 Oskar Fischinger produz “Fantasia”, dos Estúdios Disney, um marco da relação entre música e imagem no desenho animado. Na década seguinte o cinema começa a se destacar com os números musicais, fortalecendo a indústria fonográfica. Elvis Presley, o rei do rock, surge nessa época e atua em vários musicais.

No final da década de 50 a rede de televisão BBC lança “6,5 Special”, na Inglaterra, um programa exclusivo de apresentações musicais. Em 1964 Richard Lester dirige o filme “A Hard Day's Night”, estrelado pelos Beatles, considerado por alguns um ancestral próximo do videoclipe. A banda, The Beatles, fez outros vídeos, chamados “promos” - abreviação de

promocional, também estudados pela proximidade que possuíam com o que viria a ser o videoclipe.

Os musicais voltam à tona na década de 70. Com baixo orçamento e a clara influência do movimento denominado video-arte, Bruce Gowers dirige em 1975 “Bohemian Rhapsody”, da banda Queen. O produto é considerado o primeiro videoclipe da história por ter sido criado com o objetivo prioritário de lançar o disco da banda nos meios de comunicação. O clipe, até então chamado de “vídeo promocional”, levou o disco ao topo de vendas por meio das frequentes exibições no programa “Top of the Pops”, da rede BBC. Conter e Kilpp ressaltam que “Mesmo tendo sido produzido com um orçamento baixo, a sua edição é impecável, buscando representações visuais para os arranjos sonoros, utilizando efeitos de vídeo (...) que o transformaram em referência.” (CONTER, Marcelo; KILPP, Suzanna. São Paulo, 2008).

No mesmo ano vai ao ar no Brasil o primeiro videoclipe nacional, “América do Sul”. Na voz de Ney Matogrosso e a direção de Nilton Travesso, o vídeo foi reproduzido no programa Fantástico da Rede Globo que seguiu como único canal de produção e exibição do gênero no país. Somente em 1981 produtoras independentes começaram a produzir seus próprios videoclipes.

Até 1981, somente o Fantástico produzia e os exibia. Esses videoclipes eram relacionados com as músicas transmitidas nas novelas e se interligavam com os grandes artistas da época. A partir daquele ano, algumas produtoras independentes passaram a produzir videoclipes buscando se diferenciar do “Padrão Globo”, mas sem se distanciar muito dele. (SUSSI, Juliano et al. Videoclipe, estética e linguagem: sua influência na sociedade contemporânea. Santos, 2007).

Nos anos 80 o gênero se populariza e surge o termo videoclipe. Na televisão brasileira, diversos programas são voltados especialmente para os videoclipes:

- FM-TV (TV Manchete);
- Videorama (TV Record);
- Clip Trip (TV Gazeta);
- Som Pop (TV Cultura);
- Realce (SBT Rio);
- Super Special (TV Bandeirantes);
- Fantástico (Rede Globo); e

- Clip Clip (Rede Globo).

Em agosto de 1981 estreia nos Estados Unidos a Music Television, MTV. O canal, exclusivo para a exibição de videoclipes, tem papel fundamental para que o gênero ganhe notoriedade pública. O primeiro clipe veiculado foi “Killed the Radio Star” da banda Buggles.

Em 1982 é lançado o videoclipe “Thriller” de Michael Jackson sob a direção de John Landis. Com a duração de treze minutos a obra rompe com os padrões da época e utiliza a linguagem cinematográfica para aproximar o videoclipe do cinema.

Outra característica de *Thriller* são os intervalos com diálogos e sem música: a canção começa efetivamente após quatro minutos de sequências cinematográficas de diálogos, sendo que ainda é editada diversas vezes ao longo do clipe. No caso, não só se tencionou os limites entre mídias audiovisuais (cinema, televisão e videoclipe), como também o videoclipe expandiu-se para o mercado do *home video*, tendo sido o VHS de *Thriller* um sucesso de vendas. (CONTER, Marcelo; KILPP, Suzanna. Videoclipe: da canção popular à imagem-música. São Paulo, 2008).

Em junho do ano seguinte foi criado o “American Video Awards”, festival destinado à premiação de videoclipes. Adryan Lyne, após finalizar “Flashdance” também em 1983, cria um clipe de três minutos para divulgação do filme. Em 1984 Lael Rodrigues usa da mesma estratégia para divulgar seu filme “Bete Balanço”, sucesso de bilheteria. Em 1985 é lançado o especial “We Are The World” pelo “USA for África” como forma de fortalecer um projeto de ajuda internacional.

Em 1987 a MTV estreia na Europa com o videoclipe “Money For Nothing”, da banda Dire Straits. A emissora chega ao Brasil em outubro de 1990, iniciando sua programação com o videoclipe “Garota de Ipanema” de Marina Lima.

Enquanto nascia, em 1994, uma única premiação para toda a Europa, o “MTV Europe Music Award”, a emissora criou em 1995 o “Video Music Brasil”, a premiação mais importante de videoclipes nacionais, que comprova a força que o gênero alcançou no país.

Ao longo dos anos 2000 o gênero sofre uma transformação intensa, em especial, no seu circuito de exibição, o que será objeto de um estudo a parte.

## 6.2. Linguagem do Videoclipe

São poucos os estudiosos que se dedicam a definir as características particulares do videoclipe.

O videoclipe é um audiovisual injustiçado. Apesar de fazer parte da cultura do entretenimento mundial há mais de 30 anos, ainda são poucos os estudos que se dedicam a ele. É verdade que há alguns anos, novos pesquisadores vem demonstrando tentativas de tentar compreender esse gênero audiovisual, mas ainda contemplando poucas perspectivas. (HOLZBACH, Ariane. Excesso, esquizofrenia, fragmentação e outros contos: A história social de surgimento do videoclipe, Caxias do Sul, 2010).

Os estudos feitos até agora, no entanto, levam a conclusão de que esse novo gênero já nasceu com uma linguagem própria e diferenciada. “Mais do que a junção de imagem, música e letra, o videoclipe representou uma nova forma de linguagem” (SUSSI, Juliano et al. 2007)

O videoclipe é um ambiente fértil, com amplo potencial criativo para a experimentação e inventividade, e isso se deve ao fato dele agregar conceitos de outras linguagens audiovisuais, como a televisão, o cinema e a publicidade.

A estética do videoclipe se caracteriza por ser um espaço de experimentação de linguagens, o que parece ser possível na medida em que os trabalhos sejam feitos por pessoas com diferentes experiências no campo audiovisual (cinema e publicidade) e outras artes (artes plásticas, teatro, cenografia, figurino). (CORRÊA, Laura. Breve história do videoclipe, Cuiabá, 2007).

A autora reforça que, além de oferecer inúmeras possibilidades de criação, devido ao seu formato mais livre e multifacetado, o videoclipe consolida-se como espaço de experimentação, rompendo com as estruturas clássicas de narração e tornando-se referência para outros gêneros audiovisuais.

O videoclipe apresenta maior flexibilidade e versatilidade se comparado aos outros gêneros. Isso se reflete na construção narrativa, que pode ser linear ou não. A simultaneidade ou divisão das imagens, por exemplo, pode gerar a fragmentação da narrativa e do significado, como bem explica Thiago Soares. Por isso, o roteiro de um clipe pode ser bem variado.

O videoclipe, entretanto, pode dispensar inteiramente o suporte narrativo e o seu público já está preparado para aceitar imagens sem nenhum significado imediato, sem qualquer denotação direta, sem referência alguma no sentido fotográfico do termo, desde que o seu movimento seja harmônico com o da música. (MACHADO, Arlindo. A arte do vídeo. São Paulo, 1997, pg.170).

No videoclipe, a música e as imagens possuem o mesmo valor. Eles são ao mesmo tempo fundamentais e interdependentes. Não é por acaso que na maioria das vezes a edição do vídeo segue o ritmo musical, com excesso de imagens e alta velocidade na transição entre elas. Conter e Kilpp explicam:

O videoclipe absorveu alucinadamente os mais variados efeitos técnicos e de montagem. Ainda que haja clipes em plano-sequência, ou com transições suaves, elementos que se contrapõem à estética da montagem vertiginosa, esta sempre se encontra presente no videoclipe, ao menos como potência (CONTER, Marcelo; KILPP, Suzanna. Videoclipe: da canção popular à imagem-música. São Paulo, 2008).

Desde as primeiras conceituações do videoclipe, o destaque para a edição rápida e fragmentada é inquestionável. O ritmo acelerado das imagens trouxe o excesso de informações que caracterizou o gênero.

O que vai ser relevante para se dar o efeito rítmico, em geral, “movimentador” da desarmonia no videoclipe é a pouca duração da imagem na tela e como esta imagem se articula com sua antecedente e subsequente, de forma a que venha expressa a noção de conflito e estranhamento (desautomatização). (SOARES, Thiago. Videoclipe: o elogio da desarmonia, Santos, 2007).

Como as imagens são instantâneas, tudo pode mudar de um plano para outro. Por isso, a descontinuidade aparece como outra importante tendência do videoclipe. Não somente isso, mas a relação entre imagem e som também não é sequencial ou previsível. Arlindo Machado explica que o clipe adquiriu liberdade em relação à música, existindo casos onde a obra musical é adaptada em prol das imagens. Além disso, é possível o acréscimo, no áudio, de elementos diversos como ambientação, ruídos e vozes.

Os planos de um videoclipe (mas admitamos que o conceito de plano é problemático no universo do clipe) são unidades mais ou menos

independentes, nas quais as ideias tradicionais de sucessão e de linearidade já não são mais determinantes, substituídas que foram por conceitos mais flutuantes, como os de fragmento e dispersão. (MACHADO, Arlindo. A televisão levada a sério. São Paulo, 2009, pg.180).

Ultrapassando os objetivos comerciais a ele atribuídos pela indústria cultural em sua origem, o videoclipe encontra respeito no campo das artes e da linguagem audiovisual, crescendo em relevância, respeito e influência. “É preciso prestar mais atenção aos videoclipes. Já se foi o tempo em que esse pequeno formato audiovisual era constituído apenas de peças promocionais, produzidas por estrategistas de *marketing* para vender discos.” (MACHADO, Arlindo. São Paulo, 2009).

### 6.3. O videoclipe e a internet

A pluralidade do videoclipe, enquanto interlocutor de linguagens, encontrou terreno fértil para desenvolver seu potencial com o advento das novas mídias. O gênero deixou de ser exclusivo da televisão, onde tem suas raízes, para ser distribuído em coletâneas próprias de DVD, acrescentado em faixas multimídias de CD ou exibido em sites específicos. Com o auxílio da *internet*, em especial, o que antes era uma simples estratégia publicitária tornou-se um fim em si mesmo, ganhando autonomia e força.

Se antes o videoclipe era veiculado algumas vezes por dia na televisão, durante um curto período e ao custo de negociações entre gravadoras e canais musicais, com a veiculação virtual essa estrutura sofreu uma drástica modificação. (HOLZBACH, Ariane; NERCOLINI, Marildo. Videoclipe: em tempos de reconfigurações, Salvador, 2009).

Bandas, cantores, grupos vocais, instrumentais e mesmo as grandes gravadoras começaram a usar cada vez mais a *internet* para lançar e divulgar seus videoclipes, tanto em sites oficiais quanto em portais específicos. Em 2006, a MTV implantou novas estratégias que acompanhasse as mudanças. O VMB daquele ano teve votação pela *internet*, transmissão online ao vivo, além de uma premiação exclusiva para clipes criados pelo público. Já em 2007 os videoclipes são retirados da programação principal da emissora, trazendo para os principais horários programas de auditório, seriados juvenis e “*talk shows*”.

Os videoclipes, antes controlados pela indústria fonográfica e pelos canais musicais, estão migrando de plataforma: saindo da televisão e indo para a *internet*. Isso traz consequências tanto para a estética do videoclipe – a grande quantidade de clipes no formato ao vivo aliada ao aparecimento de uma nova linguagem, mais fragmentada e aberta – como para a forma de divulgação dos produtos – e, sobretudo, no papel cada vez mais decisivo da audiência nesse processo. (HOLZBACH, Ariane; NERCOLINI, Marildo. Videoclipe: em tempos de reconfigurações, Salvador, 2009).

A audiência tem voz ativa a partir do momento que pode inserir comentários e criar um diálogo direto entre realizadores e expectadores. Agora, a *internet* possibilita que o público altere e crie linguagens, interferindo no processo, recriando e postando clipes de diversas maneiras. A relação da audiência com o produto mudou, e por isso pode-se dizer que o videoclipe passa, nesse momento, por um processo de reconfiguração.

## **7. Metodologia**

### **7.1. Roteiro**

A primeira etapa do projeto foi a criação do roteiro – quais histórias seriam contadas e de que forma. A primeira decisão foi simples, porém muito relevante – não desenvolveria a ideia sozinho. Para isso convidei uma diretora de teatro que, além de se interessar muito pelo gênero, tem uma visão crítica e inovadora das narrativas atualmente utilizadas. Era preciso o acompanhamento de alguém exigente para que o videoclipe fugisse do senso comum e experimentasse desafios maiores. Michelle Nunes preencheu todos os requisitos com excelência.

O processo foi simples. A princípio discutimos e repensamos qual era a mensagem a ser transmitida. Como a música ajudaria nisso? Qual música seria? O que as imagens trariam de novidade? Resumimos, então, nossas metas em poucas frases que nos acompanharam por todo o momento de criação e revisão da obra.

Em nossos encontros, uma parte da reunião era dedicada exclusivamente para compartilhamento de ideias isoladas e referências. Sem se preocupar tanto com detalhes e a aplicação daqueles pensamentos, apresentávamos as propostas um para o outro. Num segundo momento, descrevia para ela a linha de raciocínio que estava criando para a narrativa do videoclipe. Apresentava os problemas encontrados para que o enredo fluísse de forma natural,

além de revisar os personagens, as ações, os pontos de virada e os elementos que conduziam a plateia para a mensagem.

Do primeiro argumento para a última versão do roteiro, muita coisa mudou. Cada alteração passava por uma crítica sincera e aberta, sem mágoas nem discussões pessoais. A construção esteve permeada por muita reflexão e revisão. O resultado foi um produto coeso e objetivo.

## 7.2. Música

Muito tocada em São Paulo nos anos 90 pela Banda Rara, onde o compositor participava como vocalista principal, a música “Humanidade” foi adaptada e arranjada para um coral a três vozes. Foi pensando no perfil do Coral Oásis que a versão priorizou os naipes vocais, restringindo o solo que predominava no arranjo original a pequenos trechos realizados pelo próprio regente. O instrumental, simples e enxuto, remonta ao estilo peculiar que o grupo tem de se apresentar: um violão, um carrón, pouco ou nenhum equipamento de som e sempre próximos do público, seja na rua, na praça, em um hospital ou nos recintos da Universidade de Brasília (UnB), onde todos os coristas são estudantes.

A gravação de áudio de um coral é um desafio. A falta de microfones adequados, o pouco retorno para as vozes e a falta de espaço para os cantores são alguns dos desafios mais comuns nos estúdios comuns. No estúdio da Faculdade de Música da UnB esses problemas foram satisfatoriamente resolvidos por Wladimir de Barros, eficiente técnico de gravação. O equipamento utilizado foi:

- Placa de Áudio FHOCUSRIT;
- Computador IMAC;
- Programa PRO-TOOLS-09;
- Microfone C1000 AKG (condenser); e
- Microfone B1 Bheringer (condenser).

Após os ensaios, foram necessárias três repetições principais para que a gravação fosse efetuada. A primeira vez com todas as vozes do coral, para captação do timbre do grupo; a segunda apenas com as vozes femininas, para compensação de volume; uma terceira para os trechos do solista. Foi o suficiente.

O instrumental foi gravado em um “*home estudio*” por Thiago Aguiar.

### 7.3. Equipe e atores

A opção por atores amadores teve origem no desejo de que os personagens agissem de forma natural e espontânea. Em muitas cenas, antes de qualquer orientação de percurso ou gesto, os atores eram orientados a realizar a ação no seu próprio tempo e impulso. Apenas alguns detalhes eram repassados, cuidando para não retirar o conforto da atuação natural. O resultado foi uma encenação pura e humana.

A equipe foi selecionada a partir de dois aspectos. O primeiro, qualidade de execução da função pretendida, implicando disponibilidade em aprender e inovar quando necessário. O segundo foi afinidade, tanto pessoal quanto do estilo de trabalho.

O trabalho com os atores favoreceu a escolha por uma equipe reduzida, mas não se pode deixar de citar outros fatores. O grande número de locações; a dispensa do som direto; a quantidade de cenas externas; a flexibilidade na elaboração dos planos; e o entrosamento com o diretor de fotografia, Elias Guerra, foram alguns pontos determinantes para essa acertada decisão.

### 7.4. Referencial teórico

Para a fundamentação teórica o primeiro objetivo era traçar a história do gênero, assim como a influência que adquiriu com o passar dos anos. Buscou-se rigor na ordem cronológica dos fatos, para que a o resumo não se perdesse no desenrolar das explicações. Apenas os marcos mais importantes foram citados para que o panorama pudesse ser visto em sua totalidade com mais clareza.

A segunda parte se dedicou ao estudo da linguagem do videoclipe. Nesse espaço, fez-se um apanhado teórico dos elementos que caracterizam o gênero, aplicando em um contexto maior um dos objetivos do trabalho, o de demonstrar a relevância do produto aqui defendido.

No decorrer dos estudos acima citados, em especial na história do videoclipe, um ponto se destacou tanto que foi necessário estudá-lo a parte. Além da contemporaneidade e da influência que a *internet* exerce nos meios de comunicação e na sociedade atual, ela revelou a versatilidade e o grande potencial do videoclipe, alterando drasticamente sua produção, exibição e distribuição. Esse processo de mudanças abre muitas possibilidades de crescimento e reconhecimento para o gênero.

## 7.5. Projeto de Produção

Os elementos e planilhas da produção foram pensados de forma a facilitar a etapa de gravação, prevendo as cenas mais trabalhosas e os pontos com maior probabilidade de erros e problemas.

O plano de filmagem priorizou a relação entre atores e equipe técnica. No primeiro dia foram selecionadas cenas com atuações simples com todos os atores para ganhar ritmo e confiança. Além do que, a maior parte era do início do roteiro, onde o condutor narrativo não exige tanta presteza, determinação e confiança. Mesmo assim, foram concluídas quatro locações neste dia, resultando em sentimento de satisfação e realização para todos.

O segundo dia foi separado para as cenas da cidade, sem a presença dos atores pela manhã. A tarde foi exclusiva para as cenas de John. A separação de períodos de gravação por atores permitiu que cada um deles tivesse um dia inteiro de descanso.

O terceiro dia foi o mais intenso, com muitas cenas apesar das poucas locações. Pela manhã foram filmados os planos no semáforo e, a partir do horário do almoço, foi o momento de trabalhar com o coral e as cenas da praça. Outros planos concluíram o dia, de forma a reduzir locações e personagens secundários para o quarto dia. Encerrou-se neste dia a atuação de John.

O último dia começou com as cenas do cego. Dependendo do trânsito e de maior tranquilidade nas ruas, foi o momento ideal para filmar na faixa de pedestres. A parte da tarde estava reservada para refilmagens ou planos restantes dos outros dias, o que deu tranquilidade e segurança para finalizar as gravações sem pressa.

## 8. Conclusões

Observa-se nitidamente um descaso por parte de pesquisadores da área de Comunicação em relação ao videoclipe. São poucos os estudos destinados a descrever sua linguagem e história. Aqueles que se debruçam sobre o assunto não se comprometem em aprofundar o tema. Mesmo assim, pode-se observar um aparente consenso entre os pesquisadores de que a o gênero possui linguagem própria e características marcantes.

Como agrega em si conceitos de outras linguagens audiovisuais, o videoclipe possibilita a experimentação e abre espaço para um grande potencial criativo. A participação de profissionais de diversas áreas (cinema, publicidade, teatro, entre outros) exemplifica seu

estilo multifacetado e colabora para a criação de um formato mais livre. Adequado para o surgimento de novas linguagens, o videoclipe não se prende a estrutura narrativa convencional, podendo contê-la ou não.

Uma das características marcantes do gênero é a sua edição rápida, criando uma movimentação veloz entre as ações e o excesso de informações. Parte dessa velocidade pode ser justificada pela influência que a música trouxe para a imagem na origem do gênero, ditando seu ritmo e andamento.

Outra importante tendência do gênero é a descontinuidade. Sua origem remonta para a velocidade das imagens, fruto da relação mais íntima da música, que marcou a história do videoclipe.

O relacionamento que a *internet* vem cultivando de forma íntima com os cliques demonstra como seu potencial está longe de chegar ao fim. Mais que isso, sua versatilidade demonstrou-se muito eficaz, adaptando-se de forma extremamente veloz e bem sucedida nas novas mídias existentes.

O roteiro de um videoclipe começa com uma ideia. Corre-se o sério risco de criar um vídeo sem significado algum para o espectador quando não se sabe de forma clara e sucinta o que se deseja transmitir. Para isso, é preciso escrever com paciência e cuidado um documento com as metas pretendidas para que estejam sempre ao alcance do roteirista durante todo o processo de desenvolvimento dos personagens e das ações.

Trabalhar em equipe, mesmo quando a função pode ser realizada individualmente gera riqueza e equilíbrio no resultado pretendido. Isso foi observado durante todo o processo de produção, filmagem, captação do áudio, produção e pós-produção. Contudo foi na elaboração do roteiro que a experiência se destacou como proveitosa e gratificante, em todos os aspectos. Isso não significa que seja mais fácil trabalhar, mas sim que o resultado surpreende em qualidade e aceitação por outros.

A seleção da equipe por afinidade vale a pena. Quando surgem os maiores problemas não serão somente as habilidades técnicas e a experiência que auxiliarão na solução, é preciso estar disposto a dialogar e, além disso, ter a mesma linha de raciocínio. Quando toda a equipe aponta para o mesmo objetivo, o vídeo segue junto, ganhando coesão e força.

Seguindo o mesmo pensamento, é surpreendente ver o rendimento que atores amadores podem atingir quando se sentem a vontade com a equipe e estimulados pelo objetivo final. São precisos pequenos ajustes para que tudo possa correr conforme o esperado.

O plano de filmagens, mesmo sendo tão pesado no terceiro dia, demonstrou-se acertado. Não houve descuido de alguns planos em detrimento dos outros e permitiu que o tempo gravação não quebrasse o esperado. A análise técnica, por sua vez, ofereceu o suporte necessário para a pré-produção.

O arranjo da música priorizou o estilo do grupo participante, o Coral Oásis. A redução dos solos fez com que a intensidade vocal do coral desse peso e ousadia para o videoclipe. Não se faz urgente ter os melhores equipamentos de captação para que o resultado seja satisfatório. Um bom técnico, no entanto, faz toda a diferença.

Na gravação musical destaca-se o talento e o conhecimento dos técnicos de captação e edição como peça determinante do resultado que será ouvido. Qualquer ponto fraco dos músicos e coristas, no estúdio, influenciará na música final. Contudo, não se faz um trabalho de riqueza e detalhes se não estiver acompanhado de pessoas que façam mais do que aumentar e abaixar o volume.

Mais uma vez se faz necessário dizer que vale a pena delegar e compartilhar funções com outros profissionais da área. Os instrumentos precisam ser tocados por pessoas estudadas e experientes. Uma boa ideia sozinha pode causar impacto. Uma boa ideia em grupo faz revolução.

No videoclipe é importante que estilo da música combine com as imagens que serão acrescentadas. A conformidade do todo, no clipe, é uma beleza rara e um desafio enorme. A correria do dia-a-dia na cidade e a rotina externa dos personagens combinam muito bem com o estilo prático e ágil da dupla violão e carrón. Não é a toa que não precisa de muitas interferências para montar o coral no meio da praça e ter todos os elementos sonoros presentes. Além disso, a composição do instrumental representa de forma fiel o estilo acústico e móvel do Coral Oásis e não poderia ser diferente. O videoclipe é um reflexo do grupo e, como representação imagética, precisa traduzir a sua identidade e forma.

Durante todo o curso de audiovisual tem-se o objetivo de ensinar e praticar a utilidade do relacionamento nessa área. Por isso, é justo fechar este trabalho de conclusão retomando esse ponto por vezes citado. Nenhuma das etapas de criação, desenvolvimento, seleção, gravação e edição foram realizadas de forma solitária, sem a reflexão em conjunto. Submeter cada passo à análise e crítica sem restrições foi fundamental. As dúvidas e empecilhos eram processados em conjunto e, assim unificados, o grupo encontrou respostas e opções para os desafios mais assustadores.

O produto que aqui se vê foi sonhado e idealizado por uma equipe. São pessoas diferentes, com pensamentos divergentes, olhares opostos e experiências de vida das mais variadas que se uniram e deixaram sua marca. Por isso o videoclipe Humanidade é abrangente e reflete bem uma parcela da sociedade.

## 9. Agradecimento

Agradeço primeiramente a Deus pelo privilégio de concluir este trabalho mesmo sendo tão incapaz. A Ele também, a gratidão por cada etapa vivida e vencida ao lado de pessoas tão especiais e competentes. Citar nomes seria correr o risco de não colocar todos os adjetivos necessários a cada um que deu seu tempo, suor, alegria e sacrifício para que o videoclipe Humanidade não perpetuasse no papel. Foi da mente e do coração de profissionais e amadores que vem todo o sentimento, brilho e beleza que este vídeo pode oferecer. A eles cabe o meu muito obrigado e o desejo de que tantos outros projetos, na vida de cada um, possa se tornar real, como este sonho que apresento aqui.

## 10. Referências

CONTER, Marcelo; KILPP, Suzanna. Videoclipe: da canção popular à imagem-música. *In: Rumores - Revista de Comunicação, Linguagem e Mídias*, Vol. 1, No 2. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.rumores.usp.br/conter.pdf>>

CORRÊA, Laura. Breve história do videoclipe. *In: VIII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação da Região Centro-Oeste*, Cuiabá, 2007. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2007/resumos/R0058-1.pdf>>

HOLZBACH, Ariane. Excesso, esquizofrenia, fragmentação e outros contos: A história social de surgimento do videoclipe. *In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação*, Caxias do Sul, 2010. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2593-1.pdf>>

HOLZBACH, Ariane; NERCOLINI, Marildo. Videoclipe: em tempos de reconfigurações. *In: V Enecult*, Salvador, 2009. Disponível em <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19312.pdf>>

JOURDAIN, Robert. Música, cérebro e êxtase: como a música captura nossa imaginação. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 1998. 441 p.

KELLISON, Cathrine. Produção e direção para TV e vídeo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. 419 p.

MACHADO, Arlindo. A televisão levada a sério. 5. ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2009. 244 p.

MACHADO, Arlindo. A arte do vídeo. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997. 225 p.

MANZANO, L.A.F.. Som-imagem no cinema: a experiência alemã de Fritz Lang. São Paulo: Perspectiva, 2003. 178 p.

MARTIN, George Whitney. Fazendo musica: O guia para compor, tocar e gravar. Brasília: Universidade de Brasília, 2002. 462 p.

MONTEIRO, Luísa. Videoclipe na atualidade: da televisão para a internet. In: Centro Interdisciplinar de pesquisa da Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2010. Disponível em <[http://www.casperlibero.edu.br/rep\\_arquivos/2010/07/12/1278966941.pdf](http://www.casperlibero.edu.br/rep_arquivos/2010/07/12/1278966941.pdf) >

MOZDZENSKI, Leonardo. A intertextualidade no videoclipe: Uma abordagem discursiva e imagético-cognitiva. In: *Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia*, Bahia, 2010.

Disponível em <[http://ufpe.academia.edu/LeonardoMozdzenski/Papers/158169/A\\_intertextualidade\\_no\\_videoclipe\\_uma\\_abordagem\\_discursiva\\_e\\_imagetico-cognitiva](http://ufpe.academia.edu/LeonardoMozdzenski/Papers/158169/A_intertextualidade_no_videoclipe_uma_abordagem_discursiva_e_imagetico-cognitiva) >

RABIGER, Michael. Direção de cinema: técnicas e estética. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. 441 p.

SOARES, Thiago. Videoclipe: o elogio da desarmonia. In: *IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom*, Santos, 2007. Disponível em <<http://marciopizarro.files.wordpress.com/2008/09/r0494-1.pdf> >

SUSSI, Juliano et al. Videoclipe, estética e linguagem: sua influência na sociedade contemporânea. In: *XIII Expocom Nacional*, Santos, 2007. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/expocom/expocomnacional/index.php/RTV-NAC/article/viewFile/38/107> >.

## Videoclipes

- A banda mais bonita da cidade – Oração
- Comunidade das Nações - Sorria
- Coral Resgate – Tudo coopera para o bem
- Daniel Powter – Bad Day
- HÉlvio Sodré – Ultimo ato
- Jimmy Needham – Grace Amazing
- Kirk Franklin – Lean on me
- O Rappa – Minha alma (A paz que eu não quero)
- Paulo César Baruk – O meu querer
- Sam Tsui & Christina Grimmie – Just a dream
- Skank – Sutilmente
- Steven Curtis Chapman – Cinderela
- Thalles Roberto – Deus da minha vida

Projeto de produção do videoclipe

# HUMANIDADE



Guilherme Feijó

## SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO .....	3
2. JUSTIFICATIVA .....	3
3. ROTEIRO .....	4
4. ANÁLISE TÉCNICA .....	9
5. CRONOGRAMA DE REALIZAÇÃO .....	38
6. PLANO DE FILMAGEM .....	39
7. ORÇAMENTO .....	42

## **1. APRESENTAÇÃO**

Humanidade é um videoclipe musical narrativo que questiona o estilo de vida do homem na atualidade através do cotidiano de três personagens: o músico John, o arquiteto Vitor e o artista de rua Felipe. A música que leva o título da obra é de autoria do cantor Maurílio Santos. A interpretação é feita pelo Coral Oásis, formado por estudantes da Universidade de Brasília (UnB). O arranjo e a regência ficaram sob os cuidados do também diretor, produtor e roteirista do videoclipe, Guilherme Feijó.

O clipe demonstra como John, o músico, segue sua vida sem se importar com as pessoas ao redor. Focado em seu mundo, ignora tudo o que acontece ao redor. Vitor, o arquiteto, por sua vez, corre atrás do tempo em busca de realização profissional. Nessa trajetória, acredita encontrar a razão do seu existir. Felipe, artista de rua, mesmo com tantos desafios e contratempos, encontra na sua rotina a motivação necessária para se alegrar. As pequenas conquistas do dia a dia, o sincero sorriso de uma criança e as amigas que encontra fazem com que permaneça lutando. Em meio a tantos acontecimentos, oferece aos demais a oportunidade de conhecer um estilo de vida diferente. Aceitar ou recusar o seu segredo é uma tarefa que cabe aos demais e a liberdade de escolha permanece ao alcance de todos.

## **2. JUSTIFICATIVA**

Vivemos em uma sociedade que sofre sérios problemas. Não são poucos os pacientes diagnosticados com stress, depressão e outras doenças emocionais. Grande parte desses males está ligada a falta de tempo para realizar tudo o que deseja. Outra boa parte não encontra razões pela qual acordar de manhã e continuar a viver. A questão é que dinheiro, realização profissional e diversões não são capazes de amenizar essas dores.

Serão poucas as pessoas que não se identificarão com o ritmo corrido de Vitor, ou com a indiferença de Vitor. Por outro lado, Felipe poderá provocar todo tipo de reações. Revolta, inveja, tristeza e alegria são alguns dos sentimentos que poderão surgir ao assistir o estilo simples e alegre de ser do artista de rua. Tocar em um assunto tão profundo do ser humano e ainda provocar a curiosidade de uma mensagem oculta são elementos que enriquecem a obra. Cada dia mais se faz necessário a produção de produtos audiovisuais que gerem a auto-reflexão no público e proponha um novo olhar sobre estilo de vida que se leva.

### 3. ROTEIRO

## “HUMANIDADE”

Por Guilherme Feijó e Michelle Nunes

### PERSONAGENS

#### FELIPE

Artista de rua, pardo, 19 anos. Trabalha como palhaço e malabarista. Não tira do pescoço sua corrente com o pingente de cruz. Sonha com um futuro melhor mas vive em paz com o que tem.

#### JOHN

Músico, negro, 23 anos. Usa roupas coloridas e não larga seu violão. Não abandona seu modo pacato, quieto e indiferente de ser.

#### VITOR

Arquiteto formado, branco, 28 anos. Bem empregado, ainda luta entre a realização e a decepção profissional. Agitado e preocupado, parece estar sempre atrasado.

#### CENA 1 - SALA INT. NOITE

Tela preta. Soa um acorde solto de violão que é seguido por aplausos. A porta de uma pequena sala de som bagunçada é aberta. John entra com seu violão e o cabo P10 nas mãos. Sua blusa colorida contrasta com as poucas cadeiras e alguns equipamentos jogados. Muito suado, o músico guarda o instrumento na bag e o cabo na case.

#### CENA 2 - TELA PRETA

Surge texto em branco, letra a letra:

"LIBERDADE

Definição: Permissão para escolher."

#### CENA 3 - CASA DE VITOR INT. NOITE

Vitor trabalha em seu escritório particular. Na mesa muitos papéis bagunçados. Esfrega os olhos com as mãos algumas vezes antes de encostar a cabeça na mesa e dormir.

#### CENA 4 - TELA PRETA

Surge texto em branco, letra a letra:

"SALVO

Definição: Fora de perigo; livre de futuras complicações."

#### CENA 5 - CIDADE EXT. DIA

Planos do trânsito e das pessoas nas ruas da cidade.

#### CENA 6 - BANHEIRO PÚBLICO INT. DIA

Felipe faz a barba e passa maquiagem de malabarista no rosto em frente ao espelho.

#### CENA 7 - QUARTO DE JOHN INT. DIA

John começa a se mecher em sua cama, acordando. Ele ainda usa a calça da noite anterior. O músico levanta devagar e caminha por entre a bagunça até o violão encostado num canto. Em seguida, guarda o violão na bag.

#### CENA 8 - CASA DE VITOR EXT. DIA

Vitor sai de casa apressado levando muitos papéis na mão e sua pasta de trabalho. Desliga o alarme do carro.

#### CENA 9 - RUA EXT. DIA

John anda calmamente com seu violão nas costas até parar em frente a uma loja de instrumentos musicais para observar a vitrine. Um mendigo se aproxima e estica a mão pedindo dinheiro. Ele gesticula que não e vai embora.

#### CENA 10 - RUA EXT. DIA

Felipe anda com sua mochila nas costas e passa por um cego caído no meio da calçada. Após observá-lo, olha para o relógio no celular, respira fundo e volta até o cego para ajudá-lo.

#### CENA 11 - CARRO EXT. DIA

Vitor liga o som do carro e prossegue dirigindo. O arquiteto pega o aparelho celular e liga para alguém. Em seguida abaixa o volume do som do carro. Vitor desliga o celular apressado e retira uma caixa de remédio do porta luvas.

#### CENA 12 - RUA EXT. DIA

Felipe segura o braço do cego enquanto atravessam, juntos, a faixa de pedestres. Um carro passa apressado, buzinando, enquanto fura a faixa. O cego levanta a cabeça assustado olhando de um lado para outro. O artista o abraça e o acalma. Vitor, o motorista do carro, olha para o retrovisor.

#### CENA 13 - BANCA DE REVISTA EXT. DIA

John entra na banca e compra um jornal.

#### CENA 14 - PRAÇA PÚBLICA EXT. DIA

Equipamento de som é ligado na praça. O coral oásis começa a cantar a música Humanidade, acompanhado de cajon e violão.

#### CENA 15 - RUA EXT. DIA

Muitas pessoas andam apressadas de um lado para o outro. Os carros também se movimentam e enchem as ruas.

#### CENA 16 - PRÉDIO EXECUTIVO INT. DIA

Vitor sobe escadas correndo. Pára um pouco, coloca uma das mãos na parede, repirando ofegante. Olha para o relógio e volta a subir aceleradamente.

#### CENA 17 - RUA EXT. DIA

John caminha tranquilamente lendo seu jornal. Felipe cruza por ele e segue caminhando no sentido oposto. Felipe anda apressado.

#### CENA 18 - SEMAFORO NA RUA EXT. DIA

Sinal fecha. Felipe, ainda na calçada, pega pingente de cruz de sua corrente e a beija de olhos fechados. Caminha até a frente dos carros e apresenta seu número de malabarista. Recolhe, em seguida, algumas moedas dos motoristas.

#### CENA 19 - SALA DE REUNIÕES INT. DIA

Vitor bate na porta de um escritório. A porta se abre, ele cumprimenta a pessoas que está do outro lado e entra. No relógio de parede, as horas passam. A porta se abre novamente, o arquiteto sai, se despede e vai embora, cansado.

#### CENA 20 - RUA EXT. DIA

Sentado num banco da rua, John anota idéias num caderno de música enquanto dedilha seu violão.

#### CENA 21 - RUA EXT. DIA

Muitos carros passam em uma avenida movimentada. Outras cenas de cidade

#### CENA 22 - SEMAFORO NA RUA EXT. DIA

Felipe beija o pingente e faz mais alguns malabares.

#### CENA 23 - RUA EXT. DIA

Vitor está novamente em seu carro, desta vez parado no semáforo. Olha para fora, pega uma moeda solta no painel e entrega para uma mão que aparece na janela. Felipe continua pedindo em outros carros.

#### CENA 24 - RUA EXT. DIA

Felipe senta na calçada e começa a contar suas moedas. Coça a cabeça e faz cara de preocupado antes de olhar para o céu. Uma criança se aproxima com sua mãe e lhe entrega uma pequena moeda. Felipe sorri de volta para ele.

#### CENA 25 - PRAÇA PÚBLICA EXT. DIA

John caminha pela praça e encontra coral cantando. Pára a certa distância e fica observando. Uma jovem se aproxima dele e mostra um envelope, puxando assunto. John rejeita calmamente e vai embora, ainda olhando para o coral.

#### CENA 26 - SEMAFORO NA RUA EXT. DIA

Felipe faz um número diferente, agora atuando como um palhaço. Erra os malabares, se diverte com os pedaços rasgados da calça, as pessoas na rua, etc. Por fim, finge que vai tirar moeda da orelha e olha triste para a mão vazia. Descontraído, recolhe dinheiro dos motoristas, inclusive algumas notas.

#### CENA 27 - CASA DE VITOR INT. DIA

Vitor se concentra no trabalho. Amassa alguns papéis e joga no lixo já cheio de folhas. Joga o lápis na mesa, levanta e caminha para a porta. Já perto de sair, abre a carteira e olha a foto de uma mulher. Respira fundo e vai embora.

#### CENA 28 - LANCHONETE EXT. DIA

John entra e pede um suco no balcão. O músico observa um livro esquecido ao lado e, curioso, começa a folhear até achar um envelope dentro dele. Arregala o olho, fecha o livro, joga de volta no balcão e vai embora.

#### CENA 29 - PADARIA INT. DIA

Vitor come um pudim de leite condensado. Ao seu lado uma mulher segura vários envelopes, tentando organizá-los. Quando a mulher percebe que ele a observa, joga rapidamente os envelopes na bolsa e vai embora apressada.

#### CENA 30 - PRAÇA PÚBLICA EXT. DIA

Felipe chega perto do coral apressado, cumprimenta algumas pessoas e retira da sua mochila vários envelopes. Acompanhado de outras pessoas ele começa a chamar as pessoas que passam, mostrando os envelopes.

#### CENA 31 - PRAÇA PÚBLICA EXT. DIA

Vitor chega na praça e vê o coral cantando. Felipe se aproxima dele, mostra o envelope e começam a conversar. O arquiteto aceita pegar o envelope e, após abri-lo lentamente, olha para dentro. Vitor abraça Felipe emocionado.

#### CENA 32 - PRAÇA PÚBLICA EXT. DIA

O coral desmonta os equipamentos.

#### CENA 33 - TELA PRETA

Surge texto em branco, letra a letra:

"DECISÃO

Definição: Sentença após exame prévio."

#### CENA 34 - RUA EXT. DIA

John está sentado, com o violão ao lado, observando as pessoas que passam na rua. Um envelope cai no chão próximo a seus pés. O músico pega o envelope, levanta a cabeça e olha diretamente para a câmera.

**FIM**

#### 4. ANÁLISE TÉCNICA

Análise Técnica: Humanidade

		<b>Folha No. 01</b>	
Cena: 1	Locação: Sala de som	Roteiro pág. No.: 01	
Resumo: John guarda violão			
INT	NOITE		
Personagens	Observações	Continuidade	
1- John			
2 -			
3 -			
Figuração			
CENOGRAFIA	FIGURINO		
Equipamentos de som (caixas, cabos, etc).	J1		
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA		
	Violão, cabo p10, bag e case.		
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM		
FOTOGRAFIA	SOM		
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO		
OBSERVAÇÕES:			

## Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 02

Cena: 3	Locação: Apartamento de Vitor	Roteiro págs. No.: 02
Resumo: Vitor dorme na mesa de trabalho		
INT	NOITE	
Personagens	Observações	Continuidade
1- Vitor		
2 -		
3 -		
Figuração		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
Luminária, lixo, maquete, notebook e muitos papéis.	V1	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES:		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 03

Cena: 5	Locação: Rua	Roteiro págs. No.: 02
Resumo: Rotina do trânsito		
EXT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1-		
2 -		
3 -		
Figuração		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES :		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 04

Cena: 6	Locação: Banheiro Público	Roteiro págs. No.: 02
Resumo: Felipe se arruma para trabalhar		
INT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1- Felipe		
2 -		
3 -		
Figuração		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
	F1	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
	Mochila, pasta branca, sabonete e gilete de barbear.	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
	Pasta branca no rosto.	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES:		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 05

Cena: 7	Locação: Quarto de casa	Roteiro págs. No.: 02
Resumo: John acorda		
INT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1- John		
2 -		
3 -		
Figuração		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
Bagunça no quarto, com tênis jogado, caderno, papéis, computador, etc.	J1.	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
	Violão e bag.	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES:		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 06

Cena: 8	Locação: Porta do prédio	Roteiro págs. No.: 02
Resumo: Vitor sai de casa		
EXT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1- Vitor		
2 -		
3 -		
Figuração		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
	V2.	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
	Pasta de trabalho, papéis (plantas baixas e rascunhos) e alarme do carro.	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES :		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 07

Cena: 9	Locação: Loja de instrumentos	Roteiro págs. No.: 02
Resumo: John nega ajuda a mendigo.		
EXT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1 - John		
2 - Mendigo		
3 -		
Figuração		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
	Mendigo 1 (Cobertor velho). J2.	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
	Violão e mochila do John.	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES:		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 08

Cena: 10	Locação: Rua	Roteiro págs. No.: 02
Resumo: Felipe vê e ajuda o cego		
EXT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1- Felipe		
2 - Cego		
3 -		
Figuração		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
	F1; cegol.	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
	Bengala e óculos do cego. Mochila do Felipe.	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
	Pasta branca no rosto de Felipe.	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES :		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 09

Cena: 11	Locação: Carro na rua	Roteiro págs. No.: 03
Resumo: Vitor dirige inquieto.		
EXT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1- Vitor		
2 -		
3 -		
Figuração		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
Som do carro e bagunça no carro.	V2.	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
Carro.	Celular e caixa de remédio.	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES:		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 10

Cena: 12	Locação: Rua - faixa de pedestres.	Roteiro págs. No.: 03
Resumo: Felipe e cego atravessam a rua		
EXT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1- Felipe		
2 - Cego		
3 - Vitor		
Figuração		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
	F1; V2; Ceg1.	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
Carro.	Óculos e bengala do cego. Mochila de Felipe.	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
	Felipe com pasta branca no rosto.	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES:		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 11

Cena: 13	Locação: Banca de jornal.	Roteiro págs. No.: 03
Resumo: John compra jornal.		
EXT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1- John		
2 -		
3 -		
Figuração		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
	J2.	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
	Violão, jornal e mochila de John.	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES :		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 12

Cena: 14	Locação: Praça pública.	Roteiro págs. No.: 03
Resumo: Coral começa a cantar.		
EXT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1- Coral.		
2 -		
3 -		
Figuração		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
	Caixa de som, cabos, extensões, violão e cajón.	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES:		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 13

Cena: 16	Locação: Escadas do prédio	Roteiro págs. No.: 03
Resumo: Vitor sobe escadas		
INT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1- Vitor		
2 -		
3 -		
Figuração		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
	V2.	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
	Relógio, pasta de trabalho de Vitor.	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES:		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 14

Cena: 17	Locação: Rua	Roteiro págs. No.: 03
Resumo: John passa por Felipe		
EXT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1- John		
2 - Felipe		
3 -		
Figuração		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
	J2; F1.	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
	Mochila de John, mochila de Felipe, violão e jornal.	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
	Pasta branca no rosto de Felipe.	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES:		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 15

Cena: 18	Locação: Rua - semáforo.	Roteiro págs. No.: 04
Resumo: Felipe faz malabares		
EXT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1- Felipe		
2 -		
3 -		
Figuração		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
	F1.	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
	Corrente com cruz, mochila e malabares.	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
	Pasta branca no rosto de Felipe.	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES:		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 16

Cena: 19	Locação: Corredor do prédio	Roteiro págs. No.: 04
Resumo: Vitor se reúne com executivos		
INT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1- Vitor		
2 -		
3 -		
Figuração		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
	V2.	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
	Pasta de trabalho e relógio de parede.	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES :		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 17

Cena: 20	Locação: Rua	Roteiro págs. No.: 04
Resumo: John toca e compõe		
EXT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1- John.		
2 -		
3 -		
Figuração		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
	J2.	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
	Violão, caderno de música, lápis, mochila.	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES:		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 18

Cena: 22	Locação: Rua - semáforo	Roteiro págs. No.: 04
Resumo: Felipe faz malabares		
EXT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1- Felipe		
2 -		
3 -		
Figuração		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
	F1.	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
	Corrente com cruz e malabares	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
	Pasta branca.	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES:		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 19

Cena: 23	Locação: Rua - semáforo	Roteiro págs. No.: 04
Resumo: Vitor dá moeda para Felipe.		
EXT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1- Vitor		
2 - Felipe		
3 -		
Figuração		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
	V2; F1.	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
	Moeda.	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES :		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 20

Cena: 24	Locação: Rua	Roteiro págs. No.: 04
Resumo: Criança entrega moeda para Felipe		
EXT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1- Felipe		
2 - Criança		
3 - Mãe da criança		
Figuração		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
	F1; criança e mãe1.	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
	Moedas	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
	Pasta branca em Felipe.	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES:		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 21

Cena: 25	Localção: Praça pública	Roteiro págs. No.: 05
Resumo: John passa por coral		
EXT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1- John		
2 - Coral		
3 - Jovem do coral		
Figuração		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
	J2; jovem1.	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
	Mochila, violão e envelope vermelho.	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES:		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 22

Cena: 26	Locação: Rua - semáforo	Roteiro págs. No.: 05
Resumo: Felipe como palhaço no semáforo		
EXT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1- Felipe		
2 -		
3 -		
Figuração		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
	F1.	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
	Malabares.	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
	Pasta branca no rosto.	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES :		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 23

Cena: 27	Locação: Apartamento de Vitor	Roteiro págs. No.: 05
Resumo: Vitor desiste de trabalhar		
INT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1- Vitor		
2 -		
3 -		
Figuração		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
Lixeira, papéis, notebook, luminária, pasta de trabalho do Vitor e lápis.	V2.	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
	Carteira e foto da mulher.	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES:		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 24

Cena: 28	Locação: Lanchonete	Roteiro págs. No.: 05
Resumo: John vê envelope na lanchonete		
EXT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1- John		
2 -		
3 -		
Figuração		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
	J2.	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
	Livro, envelope vermelho, violão e mochila.	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES:		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 25

Cena: 29	Locação: Padaria	Roteiro págs. No.: 05
Resumo: Vitor vê mulher com envelopes		
INT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1- Vitor		
2 - Mulher 01		
3 -		
Figuração		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
	V2; mulher1.	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
	Pudim, envelopes vermelhos e bolsa.	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES :		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 26

Cena: 30	Locação: Praça Pública	Roteiro págs. No.: 05
Resumo: Felipe chega na praça		
EXT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1 - Felipe		
2 - Coral		
3 -		
Figuração		
Pessoas na praça abordadas pelo coral.		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
	F1.	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
	Mochila e envelopes vermelhos.	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
	Pasta branca no rosto de Felipe.	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES:		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 27

Cena: 31	Locação: Praça Pública	Roteiro págs. No.: 06
Resumo: Felipe apresenta envelope para Vitor		
EXT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1- Vitor		
2 - Felipe		
3 - Coral		
Figuração		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
	V2; F1.	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
	Envelope vermelho.	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
	Felipe com pasta branca no rosto.	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES:		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 28

Cena: 32	Locação: Praça Pública	Roteiro págs. No.: 06
Resumo: Coral desmonta equipamento		
EXT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1- Coral		
2 -		
3 -		
Figuração		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
	Caixa de som, cabos e extensões.	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES :		

Análise Técnica: Humanidade

Folha No. 29

Cena: 34	Locação: Rua	Roteiro págs. No.: 06
Resumo: John pega envelope		
EXT	DIA	
Personagens	Observações	Continuidade
1- John		
2 -		
3 -		
Figuração		
Pessoas passam em frente de John na rua.		
CENOGRAFIA	FIGURINO	
Violão, mochila e jornal.	J2.	
VEÍCULOS/ANIMAIS	OBJETOS DE CENA	
	Envelope vermelho.	
EFEITOS ESPECIAIS	MAQUIAGEM	
FOTOGRAFIA	SOM	
ELÉTRICA/MAQUINÁRIA	PRODUÇÃO	
OBSERVAÇÕES:		

## 5. CRONOGRAMA DE REALIZAÇÃO

DATA	ETAPA	EQUIPE
	<b>PREPARAÇÃO</b>	
5/10	Conceituação dos padrões estéticos/ definição da fotografia/ idealização das locações	Direção / Fotógrafo
10/10	Execução da análise técnica	Direção
10/10	Definição dos chefes de equipe	Direção/Produção
12/10	Orçamento	Produção
	<b>PRÉ-PRODUÇÃO</b>	
17/10	Definição da equipe	Direção/Produção
17/10	Leitura de roteiro com a equipe	Todos
17/10	Definição do plano de filmagem	Direção/Produção
18/10	Reserva do estúdio musical	Som
24/10	Reserva de equipamento foto/luz	Fotografia
24/10	Contratação de serviços (alimentação, transporte, etc), equipe, elenco (contratos) e locações	Produção
30/10	Ensaio com atores	Direção
30/10	Preparação e confecção de figurinos e cenografia	Arte
31/10	Ordem do dia – equipe / elenco	Direção
31/10	Teste de equipamento	Fotografia/som
31/10	Check list por equipe ( alimentação, hospedagem, transporte, autorizações, contratos, equipamentos, etc)	Todos
	<b>PRODUÇÃO</b>	
25-26/10	Gravação da música	Som
2-5/11	Filmagem	Todos
	<b>PÓS-PRODUÇÃO</b>	
23/11	Edição de imagem e som	
25/11	1ª cópia	

## 6. PLANO DE FILMAGEM

CENA	Localização	I/E	D/N	Resumo da cena	Personag.	Objetos de cena	Outros	Pgn. roteiro
------	-------------	-----	-----	----------------	-----------	-----------------	--------	--------------

### 1º DIA – 02 de Novembro de 2011 - Quarta-feira

1	Sala de som	I	N	John guarda violão	1	Violão, cabo p10, bag e case.		1
3	Apartamento de Vitor	I	N	Vitor dorme na mesa de trabalho	2			2
6	Banheiro Público	I	D	Felipe se arruma para trabalhar	3	Mochila, pasta branca, sabonete e gilete de barbear.		2
7	Quarto de casa	I	D	John acorda	1	Violão e bag.		2
27	Apartamento de Vitor	I	D	Vitor desiste de trabalhar	2	Carteira e foto da mulher		5

### 2º DIA – 04 de Novembro de 2011 - Sexta-feira

5	Rua	E	D	Rotina do trânsito	-	-		2
13	Banca de jornal	E	D	John compra jornal	1	Violão, jornal e mochila de John		3
15	Rua	E	D	Cenas da cidade	-	-		3
20	Rua	E	D	John toca e compõe	1	Violão, caderno de música, lápis, mochila		4
21	Rua	E	D	Cenas da cidade	-	-		4
28	Lanchonete	E	D	John vê envelope na lanchonete	1	Livro, envelope vermelho, violão e mochila		5

### 3º DIA – 05 de Novembro de 2011 – Sábado

9	Loja de instrumentos	E	D	John nega ajuda a mendigo.	1, 4	Violão e mochila do John.		2
14	Praça pública	E	D	Coral começa a cantar	6	Caixa de som, cabos, extensões, violão e cajón		3
17	Rua	E	D	John passa por Felipe	1, 3	Mochila de John, mochila de Felipe, violão e jornal		3
18	Rua – semáforo	E	D	Felipe faz malabares	3	Corrente com cruz, mochila e		4

						malabares		
22	Rua - semáforo	E	D	Felipe faz malabares	3	Corrente com cruz e malabares		4
23	Rua - semáforo	E	D	Vitor dá moeda para Felipe.	2, 3	Moedas		4
24	Rua	E	D	Criança entrega moeda para Felipe	3, 7 e 8	Moedas		4
25	Praça pública	E	D	John passa por coral	1, 6	Mochila, violão e envelope vermelho		5
26	Rua – semáforo	E	D	Felipe como palhaço no semáforo	3	Malabares		5
29	Padaria	I	D	Vitor vê mulher com envelopes	2, 9	Pudim, envelopes vermelhos e bolsa		5
30	Praça Pública	E	D	Felipe chega na praça	3, 6	Mochila e envelopes vermelhos		5
31	Praça Pública	E	D	Felipe apresenta envelope para Vitor	2, 3, 6	Envelope vermelho		6
32	Envelope vermelho	E	D	Coral desmonta equipamento	6	Caixa de som, cabos e extensões		6
34	Rua	E	D	John pega envelope	1	Envelope vermelho		6

#### 4º DIA – 06 de Novembro de 2011 - Domingo

8	Porta do prédio	E	D	Vitor sai de casa	2	Pasta de trabalho, papéis (plantas baixas e rascunhos) e alarme do carro.		2
10	Rua	E	D	Felipe vê e ajuda o cego	3, 5	Bengala e óculos do cego. Mochila do Felipe.		2
11	Carro na rua	E	D	Vitor dirige inquieto	2	Celular e caixa de remédio.	Carro	3
12	Rua – faixa de pedestres.	E	D	Felipe e cego atravessam a rua	3, 5	Óculos e bengala do cego. Mochila de Felipe		3
16	Escadas do prédio	I	D	Vitor sobe escadas	2	Relógio, pasta de trabalho de Vitor		3
19	Corredor do prédio	I	D	Vitor se reúne com executivos	2	Pasta de trabalho e relógio de parede		4

## **Personagens**

1 – John

2 – Vitor

3 – Felipe

4 – Mendigo

5 – Cego

6 – Coral

7 – Criança

8 – Mãe da Criança

9 - Mulher

## 7. ORÇAMENTO

### “Humanidade”

#### ITEM 1 – EQUIPE TÉCNICA

1.1 DIREÇÃO	Pré	Filmagem	Pós/Montagem	TOTAL	Custo Semanal	Total
1. Diretor	2 sem.	4 dias	2 semanas	5 sem.	2.759,93	8279,79
2. Assist. de direção	1 sem.	4 dias	-	2 sem.	1.218,56	2437,12
3. Continuista	-	4 dias	-	1 sem.	1.016,44	1.016,44

Sub-total DIREÇÃO : R\$ 11.733,35

1.2 PRODUÇÃO	Pré	Filmagem	Pós/Montagem	TOTAL	Custo Semanal	Total
4. Diretor Produção	2 sem.	4 dias	1 semana	4 sem.	1.822,02	7288,08
5. As. Produção	1 sem.	4 dias	2 dias	2 sem.	1.016,44	2.032,88
6. Estagiário	2 dias	4 dias	-	1 sem.	152,69	152,69

Sub-total PRODUÇÃO : R\$ 9.473,65

1.3 FOTOGRAFIA	Pré	Filmagem	Pós/Montagem	Total	Custo Semanal	Total
7. Diretor Fotografia / Operador Câmera	1 sem	4 dias	2 dias	2 sem.	2.443,73	4887,46
8. 1º Assistente	2 dias	4 dias	-	1 sem.	1294,18	1294,18
9. Eletricista	2 dias	4 dias	1 dia	1 sem.	1294,18	1294,18

Sub-total FOTOGRAFIA : R\$ 7.475,76

1.4 CENOGRAFIA	Pré	Filmagem	Pós/Montagem	Total	Custo Semanal	Total
10. Cenógrafo	1 semana	4 dias	2 dias	2 sem.	1.669,33	3.338,66
11. Estagiário	2 dias	4 dias	1 dia	1 sem.	152,69	152,69

Sub-total CENOGRAFIA : R\$ 3.491,35

1.5 FIGURINO/ MAQUIAGEM	Pré	Filmagem	Pós/Montagem	Total	Custo Semanal	Total
12. Figurinista	1 semana	4 dias	2 dias	2 sem.	1.669,33	3.338,66
13. Maquiador/ Cabeleireiro	2 dias	4 dias	-	1 sem.	1.016,44	1.016,44

Sub-total FIGURINO / MAQUIAGEM : R\$ 4.355,10

1.6 MONTAGEM / EDIÇÃO	Pré	Filmagem	Pós/Montagem	Total	Custo Semanal	Total
14. Montador	-	-	2 semanas	2 sem.	1.822,02	3.644,04
15. As. Montagem	-	-	2 semanas	2 sem.	777,97	1.555,94

Sub-total MONTAGEM : R\$ 5.199,98

**TOTAL 1**

**EQUIPE TÉCNICA = R\$ 41.729,19**

## ITEM 2 - ELENCO

2.1 PAPÉIS PRINCIPAIS	TEMPO	CACHÊ	TOTAL
John	04 dias	350,00	1.400,00
Vitor	04 dias	350,00	1.400,00
Felipe	04 dias	350,00	1.400,00
Coral Oásis (25 pessoas)	01 dia	200,00	5000
Regente	01 dia	350,00	350

Sub-total PAPÉIS PRINCIPAIS : R\$ 9.550,00

2.2 PÁPEIS SECUNDÁRIOS	TEMPO	CACHÊ	TOTAL
Mendigo	1 dia	200,00	200,00
Homem Cego	1 dia	200,00	200,00
Criança	1 dia	100,00	100,00
Mãe	1 dia	200,00	200,00
Jovem do Coral	1 dia	200,00	200,00
Mulher	1 dia	200,00	200,00

Sub-total PAPÉIS SECUNDÁRIOS : R\$ 1.100,00

**TOTAL 2**

**ELENCO = R\$ 10.650,00**

## ITEM 3 - ENCARGOS SOCIAIS

3. ENCARGOS	PERCENTUAL	BASE DE CÁLCULO	TOTAL
Equipe Técnica	25 %	41729,19	10432,3
Elenco	25 %	10650	2662,5

**TOTAL 3**

**ENCARGOS SOCIAIS = R\$13.094,80**

## ITEM 4 - DESPESAS DE PRODUÇÃO

### 4.1 - ALIMENTAÇÃO

4.1 EQUIPE E ELENCO	QUANTIDADE	TEMPO	CUSTO DIÁRIO	TOTAL
Refeições	384	-	10,00	3840
Lanches	384		8,00	3072

Sub-total ALIMENTAÇÃO : R\$ 6.912,00

### 4.2 - TRANSPORTE

4.2.1 PRÉ-PRODUÇÃO	QUANTID.	TEMPO	CUSTO	TOTAL
Aluguel carro	01	1 dia	65,00	65,00

Sub-total TRANSPORTE PRÉ-PRODUÇÃO : R\$ 65,00

4.2.2 FILMAGEM	QUANTID.	TEMPO	CUSTO	TOTAL
Aluguel carro	01	4 dias	65,00	260,00
Aluguel Van c/ motorista	01	4 dias	250,00	1.000,00

Sub-total TRANSPORTE FILMAGEM : R\$ 1.260,00

### 4.3 - COMBUSTÍVEL

4.3 COMBUSTÍVEL	CONSUMO/VEÍCULO	UNIDADE TEMPO	CUSTO UNITÁRIO	TOTAL
01 veículo a diesel	15 lts	4 dias	1,93	28,95
01 veículo a gasolina	48 lts	5 dias	2,85	136,8

Sub-total COMBUSTÍVEL : R\$ 165,75

### 4.4 – MATERIAL DE CONSUMO

4.4 PRE/FILMAGEM/POS	QUANTIDADE	UNIDADE TEMPO	TOTAL
Material consumo	--	(verba)	350,00

Sub-total MATERIAL CONSUMO : R\$ 350,00

**TOTAL 4 DESPESAS DE PRODUÇÃO = R\$ 8.752,75**

### ITEM 5 - CENOGRAFIA

5.1 ALUGUEL/COMPRA	QUANTIDADE	UNIDADE TEMPO	CUSTO UNITÁRIO	TOTAL
Aluguel de locação	2	4 dias	50,00	400
Aluguel PC / notebook		4 dias	5,00	40,00
Aluguel muleta	1	4 dias	15,00	15,00
Violão	2		300,00	300,00
Aluguel Caixa amplificadora	--	4 dias	40,00	320,00
Objetos de cena		--	(verba)	500,00

Sub-total ALUGUEL/COMPRA : R\$ 1.575,00

5.2 MATERIAL CENOGRÁFICO	QUANT.	UNIDADE TEMPO	CUSTO UNITÁRIO	TOTAL
Confecção de mat. Cenog.	--	--	(verba)	200,00

Sub-total MATERIAL CENOGRÁFICO : R\$ 200,00

**TOTAL 5 CENOGRAFIA = R\$ 1.775,00**

### ITEM 6 – FIGURINO E MAQUIAGEM

6.1 FIGURINO	QUANT.	UNIDADE TEMPO	CUSTO UNITÁRIO	TOTAL
Confecção/Compra Elenco Principal	3	--	(verba)	500,00
Confecção/Compra Elenco Secundário	5	--	(verba)	300,00
Aluguel de Adereços	--	--	(verba)	150,00

Sub-total FIGURINO : R\$ 950,00

6.2 MAQUIAGEM	QUANT.	UNIDADE	TEMPO	CUSTO UNITÁRIO	TOTAL
Pancake	02	--		10,00	20,00

Sub-total MAQUIAGEM: R\$ 20,00

**TOTAL 6** FIGURINO E MAQUIAGEM = R\$ 970,00

### ITEM 7 – GRAVAÇÃO DA MÚSICA

7. DESPESAS GERAIS	Quantidade	UNIDADE	CUSTO UNITÁRIO	TOTAL
Estúdio	-	05 horas	90,00	450
Músicos	2	-	350	700
Coral	25	-	200	5000
Regente	1	-	350	350
Arranjo	-	-	850	850

**TOTAL 7** GRAVAÇÃO DA MÚSICA = R\$ 7.350,00

### ITEM 8 - EQUIPAMENTO

8. EQUIPAMENTO	Quantidade	UNIDADE DE TEMPO	CUSTO unitário	TOTAL
Aluguel de câmera Canon 5D	1	4 dias	400	1600
Refletores Fresnel de 1.000w	2	4 dias	70	560
Refletor Fresnel de 2.000w	1	4 dias	80	320
Conjunto de acessórios de iluminação		4 dias	75	300

**TOTAL 8** EQUIPAMENTO = R\$ 2.780,00

ORÇAMENTO GERAL  
**“HUMANIDADE”**

ESPECIFICAÇÃO DO ITEM	TOTAL
01-EQUIPE TÉCNICA	R\$ 41.729,19
02-ELENCO	R\$ 10.650,00
03-ENCARGOS SOCIAIS	R\$ 13.094,80
04-DESPESAS DE PRODUÇÃO	R\$ 8.752,75
05-CENOGRAFIA	R\$ 1.775,00
06-FIGURINO E MAQUIAGEM	R\$ 970,00
07- GRAVAÇÃO DA MÚSICA	R\$ 7.530,00
08 - EQUIPAMENTO	R\$ 2.780,00
<b>TOTAL DO ORÇAMENTO</b>	<b>R\$ 87.281,74</b>